

Capítulo 44

Ravlar estava sentado a sua bancada, como sempre. Desta vez, fazia rabiscos em diferentes folhas, comparando-as, escolhendo uma ou outra para encarar por alguns segundos, pegando uma nova para rabiscar mais.

Albur e Maia não estavam ali. Maia estava novamente chateado e emburrado, e por isso não se mostrava; enquanto Albur alegou cansaço por ajudar os irmãos a atravessar o deserto com agilidade. Era um pouco estranho Albur querer estar presa, mas ninguém estava disposto a discutir.

“Estamos aqui, Ravlar.” – Ashira disse.

“Estou consciente.”

“Não viemos brigar.”

Ravlar fez um sinal de silêncio com o dedo, sem tirar sua atenção de uma folha de papel. Coçou o queixo, encarou a parede por uns segundos, fez mais rabiscos.

“Não sabia que faziam outra coisa.” – ele voltou-se para as visitas. – “Vejam só, seu grupo ficou menor ainda.”

Rukasu grunhiu e colocou a mão no punho da espada. Ashira interveio.

“Acreditamos que os Guardiões estejam escondendo algo. Eu estive em Pariguara e confirmei tudo que você disse. Viemos conversar.”

Ravlar os olhou com curiosidade.

“É mesmo?”

Ashira assentiu.

“Se apenas um cristal arruinou a ilha daquela maneira, estou hesitante em usar todos.”

“E deveria. Já ouviu falar que nada se cria ou destrói, mas tudo se transforma? É o mesmo princípio aqui. Como poderiam tirar magia de algo que é essencialmente mágico?”

Ravlar levantou-se de sua bancada e caminhou vagarosamente em direção aos Yukan. Rukasu novamente preparou-se, mas Ravlar limitou-se a apontar para bancos de frente a uma mesa, onde os irmãos se sentaram.

“Quando encontrei Majoris, ele cabia com folga em minha palma infantil.” – ele abriu a mão direita, enorme, e colocou dois dedos de sua mão esquerda na palma aberta. – “Mas ele cresceu muito e muito rapidamente. Quando eu morri, vinte anos depois, ele era equivalente a três ou quatro homens.”

“Mas agora ele está menor.”

“Sim.” – Ravlar apontou uma caneta para eles. – “E não. Majoris foi aprisionado, selado; mas algo ocorreu e o selo se quebrou, e um novo precisou ser providenciado. Sua aparência de lobo nada mais é do que isto, uma aparência. O nome da estrela é Canis Majoris, sabiam? Talvez tenham tirado a ideia daí. Ou talvez tudo não passou de coincidência e oportunidade. Encontraram o lobo em Ineskilândia, e pensaram, que conveniente seria se Majoris pudesse parecer um pouco mais normal...” – ele percebeu que devaneava. Colocou a caneta na mesa e prosseguiu. – “De toda forma, não creio que seu poder tenha parado de crescer. Ele se multiplicou de tamanho dezenas de vezes em um quinto de século, durante minha curta vida... E as transmutações ocorrem com sucesso há mais de cem anos. Acredito que Majoris tenha sido minúsculo por milhares de anos, talvez mais, antes de eu o encontrar.”

“Maia disse isso. Bem, ele disse milhões ou bilhões de anos.” – Ashira confirmou.

“Hum! Então, ele cresceu pouco quando tinha poucos recursos, mas cresceu exponencialmente quando teve acesso a mais. E os recursos dele são o nosso planeta.”

“Isso não contradiz os Guardiões. Eles já haviam nos alertado que a magia consumiria Nivul.” – Rukasu disse, defensivo. Queria estar ali para provar a si mesmo e aos outros que podia controlar seus sentimentos, mas isso não significa que concordava.

“A magia consumiu a Terra Amaldiçoada quando usaram um cristal lá, em grande escala. Entendam, a intensidade importa. Usar todos os cristais poderia consumir o próprio...”

Albur e Maia apareceram quase simultaneamente, e Ravlar não conseguiu concluir sua frase.

“Parem de escutá-lo.” – Maia disse aos irmãos. – “Por que estamos aqui? Temos o que precisamos. Vamos atrás de Majoris e vamos resolver isso de uma vez por todas. Ele claramente não sabe de nada útil, ou já teria nos dito.”

Albur manteve-se quieta, apenas olhando e escutando a discussão.

“Cristais consomem recursos assim como Majoris. Estou errado?” – Ravlar aproveitou a aparição dos Guardiões para perguntar.

“Cristais não tem campo mágico!”

“Exatamente o que me intriga! Até mesmo magia obedece a regras e ciclos, estou errado? Então como cristais poderiam ignorar todas as regras?”

“Existem regras ao redor dos cristais também.”

“Claro que existem. Se eles usam energia, usam de algum lugar. Se não tem energia própria, usam de outra fonte. Pergunto-me qual fonte de magia existe em Nivul. Hmm...”

Maia entortou o rosto.

“Quando eu quis usar o cristal de fogo, você disse que eu não podia porque iria consumir minha magia sem que eu percebesse.” – lembrou-se Rukasu.

“Oh! Vazou uma informação, Maia. Foi um acidente?” – Ravlar ficou muito interessado. – “Se uma pessoa sem magia usa o cristal, de onde ela tira a energia necessária, então? Da força de vontade de seu coração?”

Maia o olhou com ódio.

“Estou te fazendo uma pergunta. Não vai responder?”

“E daí se for a magia de Majoris? E daí?”

“Você vai combater fogo com fogo?”

“Exatamente porque os cristais usam a magia de Majoris, eles podem removê-la por completo.”

“Podem? Como isso funciona? Por que precisam estar perto de Majoris? De novo, quero saber, como pode ter tanta sabedoria sobre um acidente?”

“Não preciso te responder nada!”

Albur prensou as pálpebras e os punhos, com força. A discussão continuou entre Maia e Ravlar, com a palavra do último:

“Não precisa, não. Assim pode escutar minha própria teoria. Se a magia está consumindo o mundo, Majoris está fazendo isso, afinal magia não faz nada sozinha. Se os cristais usam a magia de Majoris, eles consomem o mundo tanto quanto ele. Cristais não alteram seres vivos, somente os obedecem. Tudo que eles parecem afetar são elementos, fogo e ar, trovão e terra, água e gelo. Parece-me, portanto, impossível que os cristais acabem com a magia ou com Majoris. O que me parece provável é que eles consumam tudo que pode ser consumido, de modo que nada reste para Majoris, e então ele realmente poderá morrer, mas aí todo o planeta estará morto, nada restando além de um enorme vazio.”

Ashira e Rukasu olharam para seus Guardiões com expectativa. Albur tremia, e Maia estava cabisbaixo.

“É verdade?” – Ashira perguntou, quebrando o extenso silêncio. – “É verdade!” – ela concluiu, estarrecida, olhando para Ravlar, que sorria.

“Qual a sua solução, Ravlar?” – Maia disse. – “Sentar-se em seu laboratório e esperar até que Majoris destrua tudo?”

“Estou estudando alternativas para o caso de minha hipótese estar certa, e me parece que está.”

“Você assume isto porque não quero te responder?” – Maia sorriu. – “Eu não vou revelar os detalhes de como salvarei o mundo para alguém que conspira em destruí-lo.”

O prédio do laboratório tremeu um pouco.

“Não sei se eu poderia destruir o mundo.” – Ravlar disse, sério. – “Mas, certamente, eu poderia tentar. Quando fico sentado em meu laboratório, não penso em destruição. Penso em possibilidades. E apesar de querer acreditar que os seres vindos do espaço irão nos ajudar, consigo imaginar razões porque eles

não o fariam. Como bom cientista, preciso imaginar que talvez não ajudem. Preciso considerar possibilidades.”

“Nos ajudar?” – Maia zombou. – “Você não é humano, Ravlar.”

“Não, mas sou nivulense. Aliás, que importa o título? Verdades importam, fatos importam. Mas não parece que importam a você.”

“Maia, nós passamos por muita coisa. Diga-nos a verdade.” – disse Ashira. – “Nosso mundo será destruído com os cristais?”

“Vocês nos enganaram todo este tempo?” – Rukasu também perguntou, e aquilo foi a gota d’água para Albur, que começou a chorar em altos soluços.

“Não pode ser...” – Rukasu interpretou o choro como confirmação de seus maiores temores. – “Como puderam... como ousaram...”

Ele tocou o coldre à cintura, pensativo.

“Parem de acreditar em Ravlar! Albur, recomponha-se. Seu choro é muito suspeito.” – admitiu Maia.

“É verdade! É tudo verdade!” – ela disse, entre lágrimas.

“Albur?!” – Maia a olhou alarmado.

“Se usarmos os cristais dessa forma, Nivul irá implodir!” – ela falou depressa, como se temesse que pudesse ser impedida. – “Não restará nada, nada!”

“Albur!”

Rukasu recuou alguns passos, observando a cena como se fosse uma fotografia distante.

“É isso, então?” – a pressão sanguínea de Ashira desceu muito depressa e ela se apoiou na parede mais próxima. – “Nunca íamos salvar coisa alguma? Nossos poderes são inúteis?”

Rukasu pegou sua arma. Ainda não tinha certeza do que iria acontecer, mas sentiu que alguém precisava pagar. Albur olhou para ele.

“Há uma maneira de salvar o planeta. Há uma maneira!” – ela gritou entre as lágrimas, estendendo os braços para frente. – “Podemos dar uma chance a Nivul.”

“Não!” – Maia continuava a protestar.

“Eu já suspeitava.” – Ravlar disse, calmo. – “Magia não pode ser removida, mas seres mágicos podem ser movidos.” – ele enfatizou a última palavra. – “Era isso que estava pensando, Albur?”

“Não revele, não revele!”

“Sim.” – Albur ignorou Maia. – “Podemos usar os cristais para mover a magia! No caso, mover Majoris! Para fora de Nivul, para o campo mágico do Universo. Abrindo uma passagem da mesma forma que viemos para cá!”

“Vocês são mesmo loucos.” – Maia tentava parecer mais alto. – “Não íamos destruir Nivul porque gostamos de ver pessoas morrerem. Era pra salvar o Universo. Majoris não tem consciência, mas tem poder inigualável nas condições hostis à magia que encontramos em Nivul. Imaginem um ambiente naturalmente mágico como o Universo. Ele pode destruir tudo, todos os planetas e galáxias, todo o cosmo!”

“Ele pode justamente se enfraquecer neste ambiente.” – Ravlar disse. – “Pode tornar-se fácil de destruir.”

“E no Universo existem muitos outros Guardiões para lutar contra ele.” – Albur argumentou, mais recomposta.

“São suposições. Não podemos trocar o certo pelo duvidoso. O certo é sacrificar Nivul. Qualquer outra coisa é loucura.”

“Isso não está aberto a votação.” – Ashira largou de seu apoio. – “Nós não lutamos, treinamos e sofremos tantas perdas para apoiar suas mentiras. Queríamos salvar o mundo e é isso que vamos fazer. Você disse que eu ia ser feliz com o Discordius.” – Ashira lembrou-se, amarga. – “Disse para tomarmos cuidado mudando o tempo. Não devemos interferir na história, não devemos salvar os necessitados.” – ela imitou a voz de Maia. – “Por quê? Por que todas essas regras idiotas? Todas as esperanças bobas? E por que não mudar a história para melhor se o mundo ia ser destruído no final de qualquer jeito?”

“Eu não podia permitir que a história mudasse e você talvez nunca me encontrasse.” – Maia disse, a voz tremendo a cada sílaba. – “Eu queria que você lutasse feliz. Que fosse feliz. Não desejei mal, nem pra você nem pra ninguém em Nivul. Eu estava cumprindo meu papel, minha tarefa, e como a envolvi nisso fiz o possível para tornar a jornada mais agradável. Cedi aos seus pedidos,

interrompi a missão muitas vezes, fingi que não sabia coisas que você tramava. Eu queria seu bem, Ashira!” – ela abanava a cabeça todo o tempo. – “Escute-me! Seja sensata! Veja como seu mundo já está em ruínas. Como as linhas do tempo se convergiram e estão causando guerras e catástrofes, além de todas já causadas por Majoris. Não é possível salvar Nivul. Não é possível salvá-la, mas podemos salvar o Universo! Juntos!” – Maia aproximou o rosto de Ashira, olhando-a profundamente nos olhos, mas ela desviava o olhar para o chão. – “Ajude-me também. Ajude-me. Cumpra sua tarefa, Albur!” – Maia virou o olhar para a Guardiã.

“Estou farta, Maia. Você sempre fez pouco de mim. Todos vocês. Eu queria me divertir, e por isso vocês acham que sou uma idiota. Pensam que não sei minhas responsabilidades? Estou sendo mais responsável do que nunca agora. Jamais me perdoaria se eu deixasse Nivul morrer. Talvez, em uma das linhas do tempo, Nivul tenha sido destruída como planejavamos, mas não nessa, Maia. Não nessa.”

“É loucura!” – Maia que soava enlouquecido. – “Loucura! Vocês são apenas um mundo. Um único planeta. Tem ideia de quantos outros existem?”

“O número de Guardiões também é muito alto.”

“E você está traindo todos eles!” – Maia bradava. – “Traindo Guardiões e planetas. Traindo o Universo. Por causa de um planeta apenas!”

“Chega!” – Ravlar estava irritado. – “Desista, Maia. Ninguém concorda com você. Ignorem-o. Vamos nos focar no que temos de fazer de agora em diante, não no que já foi.”

“Nós temos que salvar o universo.” – Maia insistiu. – “E não se salva o universo sem fazer sacrifícios.”

“Maia, você não é mais nosso líder. Estou certa que Falkhor concordaria se ele estivesse aqui. Não precisamos destruir Nivul.”

“Mas nós morreremos.” – Maia suplicou, sua voz se quebrando. – “Você sabe que nós morreremos. Vamos nos sacrificar sem saber o que haverá, sem saber se o Universo será salvo.”

“Devemos.” – Albur tremeu de leve, e segurou um braço com o outro. – “Eu não queria que isso acontecesse, mas é o que deve acontecer. É o certo. Os

outros Guardiões não sabem, mas eles sabem menos que nós. Eles não vieram para cá. Não devemos seguir regras e missões cegamente, devemos nos adaptar às novas informações que chegam!”

“Por que ainda estamos tendo essa conversa?” – Ravlar voltou com seu argumento. – “Vamos discutir o que importa.”

“Concordo. Como vamos tirar Majoris de Nivul?” – perguntou Rukasu.

Albur explicou, assumindo o posto de liderança.

“O básico não mudou: precisamos formar um círculo ao redor de Majoris, com os cristais formando a circunferência. Então, precisamos enfraquecê-lo, e a última etapa será esgotar toda a nossa magia para abrir um buraco no campo protecional de Nivul e lançar Majoris para fora. Os cristais servirão para impedir que Majoris se fortaleça ainda mais. Se tentarmos lutar contra ele sem os cristais, seria um desastre. Ele usaria de suas forças, inconscientemente, para manter-se aqui são e salvo, e os elementos se curvariam ao seu desejo de uma forma que Ravlar já conhece. Os cristais podem ser encantados por nós, temporariamente, para funcionarem de maneira oposta e impedirem o controle dos elementos em uma determinada região. Majoris pararia de sugar as energias de Nivul e se tornaria mais vulnerável a nós. Funciona apenas por um curto período de tempo, por isso, devemos estar bem preparados.”

Aquele ponto, Ashira, Albur, Rukasu e Ravlar conversavam ao redor de uma bancada. Maia havia se afastado e olhava para o lado de fora através de uma janela. Albur continuou sua explicação.

“Parte da luta será quebrar a camada de ouro que protege Majoris. Ela nada mais é do que uma ilusão. Precisamos destruí-la para que o verdadeiro Majoris surja e seja expulso do planeta.”

“Achei que ouro mágico fosse indestrutível.” – Rukasu comentou.

“Parcialmente.” – Albur explicou. – “Majoris foi aprisionado em uma caixa de ouro originalmente, mas ele é muito poderoso. É possível que seu poder tenha saído do controle e a caixa tenha se rompido, então o governo de alguma forma o aprisionou no lobo. Para destruir a camada de lobo, o caminho mais certo é causar este descontrole novamente.”

“Vamos sobreviver fazendo isso?” – Rukasu perguntou.

“Só há uma forma de sabermos...” – Albur disse.

“E como vamos causar o descontrole? Quando tentamos atacar Majoris, mal fizemos cocégas.” – disse Rukasu.

“Estávamos despreparados. Precisamos de um plano.”

“Estão se esquecendo de como sou poderoso?” – Ravlar gabou-se. – “Provavelmente só preciso estapear Majoris uma vez e o ouro se quebrará inteiro.”

“Não seja convencido.” – Albur estreitou os olhos e lhe mostrou a língua.

“Não se esqueçam do verdadeiro Majoris.” – Maia aproximou-se deles novamente. – “Precisamos de um plano para quando ele perder a forma de lobo. É importante que nenhum de nós, Guardiões, esgotemos nossas energias. Precisaremos de força para abrir o portal mais tarde.”

Ninguém olhou para ele e Albur continuou.

“Quando a forma de ouro estiver perdida, a batalha terá apenas começado. O importante é ninguém desmaiar a ponto de perder o cristal. Não importa o que aconteça, devemos nos manter acordados, ou Majoris recuperará o controle dos elementos.”

“Exato. Majoris não pode ser subestimado. Um cristal já basta para ele nos aniquilar.” – Maia continuou.

“Você ia adorar isso.” – Rukasu disse, amargo.

“Não. Eu ainda quero, sim, salvar o Universo, mesmo que isso signifique sacrificar Nivul. Mas eu não sou o mentiroso que vocês pensam. De que me adianta se vocês todos morrerem por nada? Majoris ainda viverá, ainda destruirá Nivul, e em seguida estará livre para destruir o Universo. Não ganho nada com isso.”

“Então você vai nos ajudar?” – Ashira estava desconfiada.

“Sim. Não tenho escolha, então sim. E Ravlar não deveria atacar Majoris na primeira fase, enquanto Majoris é o lobo que conhecemos.”

“Por que não? Ele é o mais forte dentre nós.” – Ashira rebateu.

“Majoris não é mau, lembrem-se. Ele é irracional, estúpido. Ele vê alguns humanos como possíveis donos, ou não teria obedecido Desirée tão facilmente. Se ele a matou, foi acidente, por ser forte demais enquanto Desirée era humana. Mas se ele se recordar de Ravlar como seu dono, ele pode ser dócil e até nos obedecer, pelo menos por algum tempo.”

“Faz sentido.” – Ravlar sorriu por um instante, lembrando-se de Gosma e sua infância. Piscou algumas vezes.

“Você acha mesmo?” – Ashira perguntou.

“O plano de Albur é bom.” – Maia tentou se redimir. – “Atacamos Majoris para que ele saia de sua prisão dourada, e ele tornará-se simultaneamente mais vulnerável e mais forte e descontrolado. Nesta segunda forma, deveremos tomar cuidado com nossos campos mágicos enquanto continuamos a atacar. Sem recursos, Majoris diminuirá de tamanho. Precisamos que ele seja pequeno para que não tenhamos de abrir um portal gigantesco. Assim que ele estiver do tamanho de um lobo, mas não na forma de um, a ação estará com a gente, os Guardiões.”

Albur quis tomar a palavra novamente.

“Vamos abrir uma passagem para o universo e passar Majoris por ela. Quando fecharmos a passagem novamente, Majoris e toda a sua magia terão ido embora, mas Nivul viverá. Terá problemas, mas viverá.”

Ashira assentiu.

“Por que vocês não vão embora também? Já que morreriam aqui?”

“Somos apenas dois Guardiões.” – Albur olhou para Maia com tristeza. – “Abrir o portal não é fácil. Vamos nos esgotar fazendo isso e não haverá tempo suficiente de irmos. Temos de fechá-lo também, e se não formos cuidadosos com isto Nivul poderá sofrer muito mais.”

“Estamos conectados a vocês.” – Maia continuou. – “Somos em parte humanos. Vocês clamam que Majoris poderá tornar-se mais fraco no universo? Talvez isso aconteça conosco. Talvez não possamos mais sobreviver em nenhum ambiente além de Nivul.”

“Novamente, são hipóteses.” – Albur sorriu sem vontade. – “Talvez pudéssemos sobreviver, sim. Talvez. Mas não teremos tempo para passar pelo

buraco, e não podemos nos arriscar a perder nossas forças e sermos incapazes de fechá-lo. Temos de fechá-lo daqui.”

O chão começou a tremer e o prédio balançou-se, instável.

“Terremotos de novo. Quase o tempo todo, ultimamente.” – disse Ravlar.

“Isso significa que Majoris está perto?” – Rukasu perguntou.

“Sim. Bem, não perto em Lethuar, mas em Zili. Perto o suficiente.”

Eles se prepararam para a viagem e a iniciaram quase imediatamente.